

A MORTE DE PUSHKIN

Autor: Leon Caudilho

Eu pude ver com meus próprios olhos quando um homem entrou pela porta do estabelecimento. Já era tarde da noite e todos tinham bebido bastante, mas estavam conscientes de tudo o que se passava ao redor. O desconhecido caminhou a passos leves em direção a Pushkin e lhe entregou um bilhete. Um pequeno pedacinho de papel cor creme, dobrado em quatro partes, perfeitos quadradinhos. O romancista leu com agilidade a mensagem escrita. De onde eu estava, percebi que eram versos. Talvez umas três ou quatro estrofes com cinco ou seis linhas cada. Até título tinha. Na parte inferior havia uma espécie de rabisco, acredito que uma assinatura. Após guardar o bilhete, trocou muitas palavras com o mensageiro, que se despediu cordialmente e deixou o salão.

No dia seguinte, acordei cedo e fui ao centro da cidade. Uma vez por semana me encontrava com alguns amigos, sempre no mesmo horário e no mesmo lugar. Enquanto tomávamos chá e comíamos bolinhos, conversávamos sobre o assunto que se alastrava pela cidade feito pólvora: Pushkin havia sido desafiado para um duelo com armas. Nos dias que se seguiram, os boatos tomaram conta da cidade. Meu irmão afirmava categoricamente que o motivo do duelo era amoroso. O condutor de charrete que me transportou pelos bairros nos últimos dias estava convicto de que o motivo era político. Eu me mantive cético. As várias décadas de convivência em sociedade me ensinaram uma preciosa lição: quanto maior o poder de atração de uma história contada, menor é o seu grau de veracidade.

Cinco dias após o bilhete ter sido entregue e disparado o gatilho dos boatos, Pushkin mandou me chamar em sua casa. O assunto era “sério e urgente”, disse o garoto que bateu à minha porta quando o Sol ainda estava dividindo o horizonte com a Lua. Peguei uma charrete e, em menos de uma hora, lá estava eu, sentado em frente ao homem, no íntimo de seu lar. Nunca havia pisado naquele escritório, que era na verdade uma enorme biblioteca com uma mesa e duas cadeiras perto da janela, bem no fundo do cômodo. De fato, já

estive algumas poucas vezes naquela casa, mas nunca passara da sala de visitas. Correndo os olhos pelas estantes, um volume me despertou a atenção. Na lombada, toda vermelha, estava escrito *Empédocles*, não me recordava de haver lido tal autor. Mas uma reminiscência me veio subitamente, como um *dejá vu*. Senti que eu já havia estado naquele lugar há muito tempo, talvez até mais de uma vez. Mas, logo alguém entrou na sala.

Era Pushkin, que, voltando ao escritório após uma breve ausência, me convidou a sentar e expôs claramente, sem metáforas ou indiretas, o motivo pelo qual mandara me chamar. O bilhete que eu havia visto naquela noite, havia sido enviado por um homem que ele não conhecia. O remetente, apesar de admirar as obras do autor, dizia que Pushkin havia se perdido ao longo do tempo. Sua escrita se tornara medíocre. Seus romances estavam longos demais. “Muitas palavras, pouca coisa dita e nenhuma verdade”. Não havia mais beleza em suas narrativas. “Suas palavras eram duras como o casco de um cavalo selvagem, suas ideias inférteis como o solo no inverno e sua estética mais falsa e patética do que os burgueses que se viam como nobres”. O homem se sentia no dever de livrar a Rússia da vergonha de ter um escritor decadente como Pushkin. O duelo seria o meio para esse fim.

O escritor me contava tudo isso não com raiva, mas com desdém. Não havia uma gota de medo em seu corpo. Ele estava mesmo empolgado. “Com tantos insultos dirigidos a mim, não pude recusar o desafio.” Ele havia escrito uma carta gigantesca para o seu desafiante, defendendo-se das críticas e aceitando o “convite”. Tudo no melhor estilo de sua prosa. Parágrafos grandes, descrições detalhadas. Mandou um amigo entregar a resposta ao mensageiro que o havia procurado naquela noite. Logo depois, havia recebido outro bilhete com os detalhes do duelo: horário, local e regras. “Tudo escrito em versos. Acredita? O filho da mãe que me desafia é um metido a poeta.” Confesso que a história me deixou surpreso.

Apesar de não ter acreditado nos boatos ridículos que as pessoas me relatavam, nunca imaginaria que a razão de tudo isso era uma crítica literária vinda de um indivíduo que, muito provavelmente, é um louco, ou coisa parecida. De mim, Pushkin só queria uma coisa: “você será o juiz do duelo, já fez isso

antes, tem experiência”. Senti uma corrente gelada me tocar por dentro. Já tinha visto alguns duelos. Mas não me lembrava de ter sido juiz. Entretanto, o escritor falou com tanta convicção, repetiu várias vezes, “você já foi juiz”, que eu me convenci de que minha memória começava a sentir o peso dos anos. Mas, apesar de tudo... acho que nunca fui juiz.

Quando o Sol se levantou por detrás da montanha, ele chegou por entre a mata, vindo da fronteira com o rio. Sozinho, não trazia nada. O céu ainda estava levemente escuro. Ao longe, só conseguíamos ver um corpo se movendo por cima da grama que estava bastante alta e tocava os seus joelhos. No chão, víamos sua sombra. Ele vinha andando tranquilamente em nossa direção, a cada passo a sombra diminuía e o seu corpo crescia. À distância, parecia pequeno, mas era só ilusão. Pushkin estava acompanhado. Cinco ou seis amigos estavam debaixo das árvores, um pouco distantes de nós, esperando ansiosamente pelo desenlace. No meio dos duelistas, estava eu.

O estranho passou por mim sem dizer nenhuma palavra. Foi em direção à Pushkin. Um frio subiu pela minha espinha. Temi pelo pior. Uma covardia. Aquela forma de agir não era a habitual. Mas ele persistiu. Parecia que todos ao redor, com exceção dos duelistas, estavam paralisados. Ele tirou o cachecol de seu pescoço e entregou uma ponta ao romancista, enquanto segurava a outra. Seria essa a forma da contenda. Olhou para mim, como se me convidasse a assumir minha função. Entendi. Me aproximei dos dois e só aí comecei a perceber que cena estranha estávamos presenciando. Os duelistas vestiam roupas praticamente idênticas. Calças claras, colete verde e sobretudo preto. Até os chapéus eram semelhantes. Os dois se colocaram frente a frente. Foi uma experiência única para mim. Me senti como se estivesse ocupando a borda entre o mundo real e um espelho com uma realidade tridimensional em seu interior. Assim, eu conseguia ver um homem contemplando seu próprio reflexo, enquanto a imagem o olhava de volta. “Mas qual é qual? Quem é a imagem e quem é o real? Como distinguir?”, meus pensamentos ficaram confusos. Era como se Pushkin estivesse se olhando em um espelho. O estranho era idêntico a ele.

Após minha ordem, os dois se viraram de costas e começaram a andar, esticando o cachecol. Deram cinco passos cada um. Ao meu sinal, viraram-se rapidamente. Os dois sacaram as armas com uma velocidade impressionante.

Pushkin levantou o braço, começou a colocar a mira na direção do seu oponente, fechou um olho e abriu bem o outro. Nesse momento, caiu de joelhos no chão. O estranho foi mais rápido. Praticamente não mirou, somente apontou o cano da arma na direção certa e puxou o gatilho. A autoconfiança lhe valeu a vitória. O escritor ficou alguns segundos ajoelhado, olhou para um ponto distante no horizonte. Viu o Sol nascer pela última vez. Deitou o corpo no chão com o rosto para cima. O estranho se aproximou dele. Se olharam pela eternidade de um segundo. Pushkin demonstrava revolta nos olhos. O estranho demonstrava amor. O vencedor tirou o seu chapéu e o jogou no solo. Pushkin, o romancista, estava morto, estirado na terra. Pushkin, o poeta, estava vivo, de pé, com os olhos contemplando o céu. Após recolocar o cachecol, o vencedor se juntou a mim e a seus amigos e rumamos para a cidade. Não falou uma palavra durante o caminho. Nós, muito menos.

Tempos depois, em um famoso estabelecimento da cidade, eu pude ver com meus próprios olhos quando um homem entrou pela porta. Já era tarde da noite e todos tinham bebido bastante, mas estavam conscientes de tudo o que se passava ao redor. O desconhecido caminhou a passos leves em direção a Pushkin e lhe entregou um bilhete. Uma enorme carta com algumas laudas, sem dobras ou amassados. O poeta leu com calma a mensagem escrita. De onde eu estava, percebi que era composta por extensos parágrafos. Talvez umas quinze ou vinte linhas cada. O texto não tinha título. Na parte inferior da última folha havia uma espécie de rabisco, acredito que uma assinatura. Após guardar a carta, permaneceu em silêncio e fez um gesto ao mensageiro, que se despediu cordialmente e deixou o salão.